

Quinta-feira, 6 de Fevereiro de 1958

RUBEM BRAGA

QUEIXAS

TENHO um amigo que não está satisfeito com o progresso técnico de nosso tempo. Acha que todo dia se inventa muita coisa dispensável, mas a nossa vida cotidiana continua incômoda; há pequenas coisas que o mortificam:

— «Já viajei nas melhores companhias de aviação. Cada dia o conforto a bordo é maior. Já fiz aquela viagem da hora de jantar entre Paris e Londres, pela Air France, em que todo o tempo da viagem é preenchido por um jantar francês de alta classe o que se pode querer de mais fino como bebida e comida. Já fui a Nova York pela Varig; o tratamento é, realmente, de grande luxo. Mas continua havendo algo terrivelmente desconfortável dentro de um avião.

Fêz uma pausa, como se esperasse que eu desse algum palpite, e como eu não dissesse nada:

— «A bandeja! Há alguma coisa mais melancólica e desconfortável do que a bandeja, depois que você acaba de comer? Por melhor que seja o serviço a bordo, ela ficará encravada dos braços de sua poltrona por muito tempo. Enquanto a moça não vem, você fica humilhantemente prisioneiro de sua bandeja, depois da refeição. Ou então é obrigado a ficar com um copo ou uma xícara na mão um tempo enorme enquanto outras pessoas são servidas...».

Outra reivindicação dêle: descarga silenciosa nos quartos de banho.

Ainda outra:

— «Por que é que geladeira não tem torneira? Para tomar um copo de água gelada você precisa abrir a porta da geladeira (às vezes duas portas, uma externa, outra interna), retirar de lá a garrafa, abri-la, para então encher o seu copo.

E num assomo de revolta:

— «Levaram dezenas de anos para descobrir que uma geladeira não tem necessariamente de ser branca!».